



## A VOZ INAUDÍVEL DE PONCIÁ VICÊNCIO: LITERATURA NEGRA E TRADIÇÃO<sup>1</sup>

## THE INAUDIBLE VOICE OF PONCIÁ VICÊNCIO: BLACK LITERATURE AND TRADITION

Tatiara Pinto<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto pretende tecer recortes e considerações sobre o romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, explorando algumas questões sociais, de gênero, raça, violência, autoausência, em diálogo com a noção de literatura negra, compondo um mosaico acerca do nomear, do autodefinir-se enquanto partes, braços de um corpo-literário, de uma tradição-nação carente da perspectiva social negra. Partindo da visão de grupos subalternos historicamente silenciados rumo à complexidade germinal da mulher negra anônima que alcança o espaço das Letras, da representatividade, da escuta e logo reconhecimento na Literatura Brasileira. Como suporte crítico adotam-se algumas ideias de Lélia Gonzalez, Eduardo de Assis Duarte, Regina Dalcastagnè e Gayatri Spivak.

**Palavras-chave:** Literatura Negra. Vazio. Autodefinição. Reconhecimento.

**Abstract:** This text intends to weave clippings and considerations on the novel *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, exploring some social issues, gender, race, violence, self-absence, in dialogue with the notion of black literature, composing a mosaic about naming, self-defining as parts, arms of a literary-body, of a nation-tradition lacking a black social perspective. Starting from the vision of subaltern groups historically silenced towards the germinal complexity of anonymous black women who reach the space of Letters, representation, listening and then recognition in Brazilian Literature. As critical support, some ideas of Lélia Gonzalez, Eduardo de Assis Duarte, Regina Dalcastagnè and Gayatri Spivak are adopted.

**Keywords:** Black Literature. Empty. Self definition. Recognition.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 16 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 29 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Doutoranda em Literatura (UFSC/CAPEL). Mestra em Literatura (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa NECLIT (Núcleo de Estudos Contemporâneos de Literatura Italiana). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0683-3305>. E-mail: [tatiarapinto@yahoo.com.br](mailto:tatiarapinto@yahoo.com.br).

## Premissas

A proposta deste texto é pensar a ausência de si, presente na obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo (2003), como alegoria da falta de protagonistas e autoria negra na literatura brasileira. O método para isso é o diálogo entre a saída da literatura de autoria negra do lugar da polêmica, do estranhamento e os desfalecimentos de Ponciá, que não são vistos como estranhos pelas pessoas da comunidade que a viu crescer, a Vila Vicêncio. Com o objetivo de observar como o romance irrompe no sistema hegemônico literário com uma narrativa que mostra os efeitos do processo histórico sobre as populações negras, como ainda a falta de modelos na tradição, ao mesmo tempo que transpassa e inopera as condições de ausência e falta de reconhecimento por meio de recursos narrativos imbricados no poder da ficção de criar novas realidades para a mulher negra anônima.

No dia 26 de julho de 2021, na ocasião do 12º Fazendo o Gênero da UFSC, Conceição Evaristo (2021) fez uma palestra intitulada: CLAMAR no deserto: entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir. Sua fala trouxe a visão de que a batalha dos escritores negros é dupla: criar o poder e as condições para falar e criar o poder de se fazer *ouvir*.

Djamila Ribeiro (2021) a convite da Universidade de Princeton no evento intitulado *Quem mandou matar Marielle?* – questionou: “Se a gente não nomear a realidade como iremos buscar saídas emancipatórias para essa realidade?”. A respeito de nomear os sujeitos, Gayatri Spivak (2010) em *Pode o subalterno falar?* atenta para a importância de desviar-se da armadilha do “sujeito inominado”, pois haveria uma tendência, até mesmo entre os mestres franceses da alteridade Foucault e Deleuze, em subentender que o sujeito absoluto é o homem, europeu e branco. A importância de nomear-se ou autodefinir-se é central também para o *Pensamento Feminista Negro* de Patricia Hill Collins. Dito isso, um trabalho crítico literário que preze pelo poder simbólico da linguagem e que esteja de fato comprometido com todas as formas de vida, não poderia deixar de nomear o maior número possível de identidades plurais, como também a insuficiência de determinadas formas de organização social e seus sistemas, modelos, estilos, suas categorias.

Na literatura brasileira, entre alguns teóricos, foi iniciado nos últimos anos um processo de reconhecimento da necessidade de particularizar e nomear as manifestações periféricas, LGBTQIA+, feministas e negras, pois quando se adotam nomenclaturas mais abrangentes como “literatura brasileira” os conflitos e complexidades de uma determinada cultura ficam nivelados (SISCAR, 2011). E o fato de essa abertura ser contestada evidencia que essas mudanças

podem estar de fato desafiando as estruturas dos espaços de poder de quem pode ser lido e consagrado na literatura. Pois, “no mundo da cultura só existe o que uma vontade coletiva, ou mesmo individual, diz que sim e consegue vencer aqueles que dizem não” (CUTI, 2011).

A ausência do negro na literatura brasileira pode ser observada tanto entre os autores, quanto no número de protagonistas. A pesquisa da professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, desvela também no contexto literário o mito da “democracia racial” que tanto auxilia em encobrir as formas sutis de preconceito. “O problema que se aponta não é de uma imitação imperfeita do mundo, mas a invisibilização de grupos sociais inteiros e o silenciamento de inúmeras perspectivas sociais, como a dos negros” (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, p. 219, grifo nosso). Na pesquisa o número de romancistas negros ou pardos não ultrapassa os 3% entre os escritores<sup>3</sup>.

Para que a experiência da *mulher negra anônima*<sup>4</sup> não fique implícita dentro da norma hegemônica há que se nomear mulheres como Ponciá Vicêncio. Enunciá-la como tentativa de romper com um ciclo de representações estereotipadas, hipersexualizadas ou silenciadas que se tornaram canônicas, durante o processo de formação da Literatura Brasileira – muito atrelada à ideia de nação – que por ventura tenha forjado e/ou mantido a tripla discriminação gerada pelo racismo, sexismo e condição econômica.

Sobre a produção de Conceição Evaristo, resumidamente, sua prosa colhe o encanto do corriqueiro, avessa às estereotípias ela urde gênero e raça, e o faz “sem resvalar para o discurso panfletário nem descuidar do manejo com a palavra em nome da sobreposição de uma suposta mensagem em detrimento de questões formais” (MARQUES, 2012, p. 218). Lançado em 2003 *Ponciá Vicêncio* cutuca uma ferida histórica nacional a partir das afromemórias da protagonista. Destaque para duas pesquisas sobre a obra, a dissertação de Aline Arruda e a tese de Rosângela Araújo, referenciadas no final do texto.

<sup>3</sup> Na pesquisa foram analisados 388 romances brasileiros, a primeira etapa compreendia as publicações entre 1965 e 1979 e a segunda entre 1990 e 2004. Resulta que a participação das mulheres não chega a um quarto do total, e a homogeneidade racial ultrapassa os 93% de autores brancos nos dois períodos analisados. Na segunda etapa 3,6% não tiveram a cor identificada e tão somente 2,4% se declararam “não brancos”. Com destaque para o primeiro período, no qual foram 7% (dos 93% de brancos) de cor não identificada ou nomeada. Ou seja, entre os anos 1965 e 1979 não há estatística sobre a presença de negros na produção de romances brasileiros, o que entendemos como uma total ausência de “perspectiva social negra” na literatura (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017).

<sup>4</sup> “Mas sobretudo a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente porque em sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite-nos a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão – é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder” (GONZALEZ, 2016, p. 414).

### O Silêncio e o vazio em *Ponciá Vicêncio*

No enredo dois mundos são moldados e demarcados, o dos brancos e o dos negros. Os brancos eram os donos da cana, do café, de toda a lavoura, do gado, das terras, tudo tinha dono. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança, diz a narradora. Sobre a infância: Ponciá “gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal” (EVARISTO, 2017, p. 13). “A mãe fazia panelas, potes e bichos de barro. A menina buscava argila nas margens do rio” (EVARISTO, 2017, p. 26).

O vazio do nome, das mãos e de si. Na infância o vazio já incomodava “a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante” (EVARISTO, 2017, p. 27). O sobrenome Vicêncio era a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. A não identificação com o próprio nome compõe o *Eu* rasurado e as várias camadas de não pertencimento da protagonista.

A repetição e a riqueza da descrição dessa sensação de não apreensão de si, os vazios, merecem destaque. Quando coçava a mão, que sangrava entre os dedos, ela sentia falta do barro e então: “O vazio que lhe enchia a cabeça vinha por duas ou três vezes. Se estivesse de pé, agarrava com força na beira da pia ou do tanque e esperava a sensação passar. Nem sempre passava rápido. Tinha muito medo de que a patroa visse” (EVARISTO, 2017, p. 69). A esperança com a qual a protagonista havia chegado à cidade vai perdendo espaço para o silêncio até que: “Ponciá não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava sempre olhando um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia se dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua *autoausência*.” (EVARISTO, 2017, p. 77, grifo nosso).

O vazio herança e vertigem. São recorrentes no romance as imagens de Ponciá sentada perto da janela matutando, em um desses momentos, ao lembrar um dia esperançoso, quando ela voltara ao povoado em busca da família, lembrou-se da velha Nêngua Kainda, que lhe havia dito: “em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança, que Vô Vicêncio tinha deixado pra ela, seria recebida. Ponciá ouvia essa conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela?” (EVARISTO, 2017, p. 53). A suposta herança do avô intriga Ponciá e o leitor até o final do romance.

Como os outros personagens encaravam o vazio de Ponciá? O companheiro de Ponciá gostava de dizer que ela era pancada da ideia. “Às vezes, se

sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e de nada.” (EVARISTO, 2017, p. 30). Um dia chegou cansado com a garganta ardendo por um gole de cachaça e, ao ver Ponciá morta-viva, “precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. Foi ao pote, buscou uma caneca d’água e limpou arrependido e carinhoso o rosto da mulher” (EVARISTO, 2017, p. 83).

Antes de saltar para como a comunidade do povoado encarava o silêncio de Ponciá, há que se mencionar aqui uma questão urgente, a presença da violência contra a mulher na obra de Conceição Evaristo. A pesquisadora Constância Duarte (2018, grifo nosso) indaga: “*Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde estão as dores do espancamento, do estupro, do aborto? Na vida – nesta que fica aquém da literatura – tais dores são comuns*”. No mesmo texto a professora aborda justamente a competência da obra de Conceição Evaristo em mergulhar fundo no pensamento e na dor da mulher oprimida.<sup>5</sup>

Ao retornar da cidade para a Vila Vicêncio, nos dias em que ficou à espera do trem, Ponciá sentiu a ausência de si várias vezes, “caía meio morta, desfalecida, vivendo, porém, o mundo ao redor, mas não se situando, não se sentindo. As pessoas *não se assustavam com o desfalecimento de Ponciá*. Ela ia e vinha de suas ausências, nenhum pavor, nenhuma estranheza dos outros ela percebia” (EVARISTO, 2017, p. 55, grifo nosso). Diferentemente do companheiro, que se irritava com as ausências de Ponciá, as pessoas que conheciam a família não se espantavam com o desfalecimento de Ponciá. O que reforça os indícios da suposta herança que o avô teria deixado para a neta, conhecida no povoado.

O silêncio dos homens:

*Aliás só se escutava a voz da mãe. Do pai só se ouvia uma resposta ecoando: hum, hum, hum... foi naquela época que Ponciá começou a achar que homem era quase mudo. Seu irmão falava, mas parece que estava ficando mudo também. A cada retorno (das terras dos brancos) falava bem menos e, depois que o pai se foi, era como se o encanto falante do irmão tivesse partido também.* (EVARISTO, 2017, p. 49, grifos nossos).

Durante o romance somos apresentados às aflições da protagonista “Ponciá ganhou um aflitivo remorso no peito. Sim, fora ela a causadora de tudo. Saíra primeiro de casa, agora estava o irmão perdido na cidade e a mãe sem rumo

---

<sup>5</sup> Sobre a gênese desse poder narrativo a professora Constância se vale das palavras da própria autora: “Na origem de minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres!” (EVARISTO, 2007, p. 18).

lá pelo povoado.” (EVARISTO, 2017, p. 49). Em um redemoinho gradativo de memórias a esperança de uma vida melhor vai se esvaindo com o seguir da narrativa. A relação com o marido que se torna violento e os sete abortos sucessivos, intensificam o sofrimento da protagonista que chega a pensar: “Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver pra quê?” (EVARISTO, 2017, p. 71). Há uma somatória de tristezas que vão levando Ponciá para o profundo silenciamento e distanciamento da realidade.

### **A literatura negra quer deixar de ser uma polêmica, quer ser ouvida**

Se considerarmos os trabalhos de Zilá Bernd, Miriam Alves, Paulo Collina e Octavio Ianni não há espanto em afirmar que a consolidação da categoria “literatura negra” já se deu. Para alguns críticos a categoria estaria ainda em vias de construção. Em 1943 Roger Bastide, um dos pioneiros em investigar “o quanto de originalidade ou de inspiração lírica pode ser atribuído ao sangue africano que lhes corre nas veias” (BASTIDE, 1943, p. 13), optou pelo termo “literatura afro-brasileira”. Acerca da nomenclatura literatura afro-brasileira, negra ou afrodescendente o primeiro capítulo: “Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?” (SOUZA; LIMA, 2006) trata do surgimento desses termos e como são abordados nas antologias, textos e movimentos de cada época<sup>6</sup>.

Em 1988, na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, em uma edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, o professor Octavio Ianni já afirmava que na produção literária havia um segmento deslocado e autônomo que formava um sistema de obras, autores e leitores articulados pela problemática do ser negro, o que já permitia-nos falar em uma “literatura negra” aliás, dez anos antes o surgimento dos *Cadernos Negros*, fruto do Movimento Quilombhoje, já apontava para isso. Em defesa de uma literatura afro-brasileira poderíamos destacar os trabalhos e as reflexões de Maria Nazareth Soares Fonseca, que descreve duas vertentes do que seria essa literatura:

[...] existem no âmbito da literatura afro-brasileira duas grandes vertentes que se afirmam em decorrência do modo como se ligam à temática negra ou afrodescendente. Uma vertente procura interferir na dinâmica social, mostrando-se como enfrentamento ao preconceito contra os afrodescendentes e como denúncia à exclusão em que vive grande parte deles no Brasil. Essa vertente indica uma feição literária que, direta ou indiretamente, relaciona o texto com as ideias políticas de quem o produz. Nela está registrada a intenção

<sup>6</sup> “Os *Cadernos Negros*, na contramão da literatura legitimada, assumiam a rebeldia de segmentos da população negra em sua luta contra a chamada democracia racial. Propunham, como considera Miriam Alves, negar a negação de toda uma vivência-existência da população negra (2002, p. 225). Considere-se que, a partir de um certo momento, talvez a partir do número 18, os *Cadernos Negros* assumiram os subtítulos: poemas afro-brasileiros e contos afro-brasileiros” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 14-15).

do produtor do texto de assumir-se negro e de saber-se pertencente a um grupo étnico cujos membros sobreviveram à exploração escravagista (Pereira & White, 2001, p. 259). Uma outra vertente, ainda que não deixe de referir-se ao preconceito e à exclusão sofrida pelos afrodescendentes, empenha-se por reconstituir, no espaço da literatura, as motivações próprias dos ambientes habitados pelas misturas típicas da cultura popular. Nesses textos, as vozes poéticas ou narrativas podem assumir diferentes tons e as transmutações próprias ao acolhimento que a escrita dá à palavra falada, *aos ritmos do corpo* e aos pequenos gestos que configuram o dia-a-dia da gente simples. Essa vertente também assume as tradições herdadas dos escravos e as traz para os textos procurando não apagar as pulsações características do universo em que continuam cultivadas ainda que alteradas pelo diálogo constante que realizam com outras expressões culturais. Nessa vertente, mais que denunciar a discriminação e as agruras vividas pelos afrodescendentes, *intenta-se que as vozes silenciadas* e as expressões culturais do povo – e por isso mesmo da grande parcela da população afrodescendente – *alcancem o espaço da letra, do texto literário enfim* (FONSECA, 2021, grifos nossos).

Há quem diga que a primeira vertente apontada pela professora está muito atrelada ao início de *Cadernos Negros*, fundado em 1978, mesmo ano da criação do Movimento Negro Unificado, quando a denúncia encontrou o veículo literário e teve forças para dar seu grito. Destaque ainda para os trabalhos do professor Eduardo de Assis Duarte, coordenador do portal LiterAfro, que se dedicou a tecer critérios que estabelecem a interdependência entre temática, ponto de vista, linguagem, público, e autoria para poder conceitualizar uma obra como afro-brasileira. (DUARTE, 2017). Não podemos nos esquecer do direito das escritoras e escritores negros que se querem fora da categoria, pois estar vinculado a ela condicionaria sua escrita. Estes se colocam apenas como autoria negra, questão que pode ser exemplificada com o poema “Manifesto” de Cidinha da Silva (2016, p. 23) na abertura de *Canções de amor e denço*: “Podem me catalogar como quiserem. Apenas não esperem que eu vista as roupas que me dão. Ou entre em caixinhas por vontade própria”.

Já para o poeta Ferreira Gullar (2011) falar em literatura negra era questão de má-fé. O texto de Viviane Coelho Cardoso *A (polêmica) literatura afro-brasileira*, presente no portal Brasil Escola – indicado aos alunos por muitos professores da rede de ensino – personifica a relutância do poeta em nomear a existência de um projeto afro-brasileiro dentro da literatura brasileira na ocasião do lançamento em quatro volumes da antologia crítica *Literatura e afrodescendência no Brasil* (2011). Fato que imediatamente gerou a resposta de Cuti (2011) ao poeta, acusando-o de racismo crônico.

Infelizmente posicionamentos como os de Ferreira Gullar não são únicos. Patricia Hill Collins alerta sobre os riscos que corre qualquer grupo que se

organize em torno de seus próprios interesses, de ser rotulado de “separatista” e “antidemocrático”. A autora defende a importância da busca pela própria voz da mulher negra: “o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos” (COLLINS, 2019, p. 205).

Atenta à necessidade de autodefinir-se Evaristo moldou Ponciá, que insiste em buscar sentido para a própria existência, tanto que no final do romance a personagem fala sozinha, gargalha e chora ao mesmo tempo, como o avô, pois sabia o que deveria fazer: tomar o trem, voltar ao povoado, ao rio. A *escrevivência*<sup>7</sup> de Conceição perpassa a denúncia, as condições às quais são submetidas as populações negras, e recompõe esteticamente o silenciamento de Ponciá em terceira pessoa. A narradora é quem conta sobre a vida de Ponciá. Dá ao leitor a oportunidade de adentrar as condições nas quais se encontram muitos remanescentes quilombolas, projetando “uma nova subjetividade ao país, em cuja tarefa o exercício de *estar no lugar do outro* consiste, para a nacionalidade, um estar em si mesma, através da empatia com o ser negro e o despojamento da brancura ou, ainda, a fase conflitiva para chegar a isso” (CUTI, 2012, p. 28). Em uma forma de estrutura narrativa fragmentada e espiral, própria dos fluxos de memória, oscila entre lembranças do passado na criação presente dessa personagem, que “alcança o espaço da letra enfim” (FONSECA, 2021).

## Reconhecimento

O sonho de ter voz de mando. Luandi Vicêncio quer ser soldado. Ao chegar à cidade:

Luandi não tinha onde passar a noite e depois de caminhar resolveu voltar para a estação. Poderia assentar ou até deitar em um dos bancos e esperar o dia seguinte. Foi acordado, entretanto, no meio do sono por um soldado. O que ele estava fazendo ali? Mostre os documentos? O que você faz? Você está armado? Luandi foi revistado. Não, não tinha trabalho ainda. Não tinha documentos. Tinha acabado de chegar lá da roça. No bolso um canivete? Estava armado! Por isso, é melhor você me seguir até a delegacia. Soldado Nestor pegou Luandi pelo braço e foi levando. Fazia força, apertava-lhe o braço. Um funcionário que varria a estação ficou olhando. Era negro também. Luandi se assustou, mas nem raiva teve. Estava feliz. Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era melhor do que a roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! Que beleza! Na cidade, negro também mandava! (EVARISTO, 2017, p. 60-61).

O espanto de Luandi ao ver um soldado negro foi tão grande que o fato

<sup>7</sup> A professora Rosane Borges (2020, p. 189) define: “*escrevivência* é um princípio teórico-metodológico para a produção, armazenamento e circulação de narrativas, com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir histórias”.



de estar sendo detido não afeta a felicidade de sua descoberta acerca da vida urbana. Após passar a noite na delegacia e ser interrogado Luandi consegue um trabalho na própria delegacia, ao ser informado ele ingenuamente responde: “Empregado? Como? Fazê o quê? Vesti farda, sê soldado? O delegado, o soldado negro e o outro branco riram, gargalharam. Quando fizeram silêncio, foi o soldado negro que se aproximou” (EVARISTO, 2017, p. 61). Esse soldado se apresenta como Nestor e explica que o trabalho será como faxineiro da delegacia. Quando Luandi decide voltar ao seu povoado para encontrar-se com a mãe, o soldado Nestor atende ao pedido e lhe empresta um uniforme velho para que ele possa apresentar-se no vilarejo como uma autoridade. Essa volta como alguém bem-sucedido representa muito para o rapaz, que ouvira desde a infância inúmeras histórias sobre aqueles que foram tentar a vida na cidade e terminavam em condições piores do que aquelas vivenciadas e conhecidas na/da roça.

Luandi quer ser reconhecido. Como nos recorda a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2017) a injustiça social tem duas facetas, uma econômica e outra cultural. Assim a luta contra a injustiça social inclui a reivindicação pela *redistribuição* da riqueza e pelo *reconhecimento* das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos. Em outro momento do romance, a personagem Luandi vai a uma exposição com o soldado Nestor e reconhece as peças de barro moldadas pelas mãos de sua mãe e irmã. Por não saber ler, pede ao amigo que leia o cartão que acompanhava os trabalhos, e no primeiro deles está escrito: “Autor desconhecido” (EVARISTO, 2017, p. 89).

A falta de reconhecimento da autoria da obra aqui pode ser vista, como uma alegoria<sup>8</sup> dos séculos de exploração da força de trabalho desses grupos subalternos, que construíram a riqueza nacional e que hoje deveriam se contentar com a “reparação”, travestida de minguadas políticas públicas de ações afirmativas, sempre em vias de contestação. Um segundo desdobramento alegórico seria pensar na falta de reconhecimento das obras literárias de autoria negra, ou seja, na omissão da tradição com relação a tais produções, vistas como panfletárias demais ou, “em contrapartida, são cobrados a escritores como Machado de Assis e Cruz e Souza engajamento explícitos aos movimentos de seu tempo, como a Abolição e República” (ALVES, 2010, p. 45).

Ainda na exposição, consciente do poder da ficção em criar novas realidades, na narradora conta: Luandi “se apoderou carinhosamente de uma canequinha de barro e com *a voz embargada*, quase em choro, gritava é minha, é minha” (EVARISTO, 2017, p. 89, grifo nosso). O soldado Nestor vai atrás de

8 Partindo da noção benjaminiana, PINTO, 2019, p. 84, descreve: “A alegoria comunica uma ideia que está atrás daquilo que se mostra. O poder da imagem alegórica está em suscitar uma impressão viva ao espírito [...]. Por detrás de uma alegoria sempre há, em última instância, um apelo à verdade sufocada pelo processo histórico, à justiça que será feita”.

Luandi recompondo as peças da exposição e então um reconhecimento se dá: “sem que Luandi pedisse, o amigo também emocionado pegou o cartãozinho branco que estava ao lado do objeto e leu: Autores: Maria Vicêncio e filha Ponciá Vicêncio/ Região: Vila Vicêncio/ Proprietário: Dr. Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p. 89). Aqui, a narradora circunda e move as forças inaparentes da ficção ao explorar novas perspectivas através da personagem da mãe, Maria Vicêncio, uma mulher negra artista que vende sua arte, para o sustento da família, dando-lhe o reconhecimento da autoria. Fazendo dessa última transgressora do lugar difundido pela literatura canônica concernente à representação da mulher negra, pensando nas criações de Jorge de Lima, Jorge Amado e Aloísio de Azevedo.

### Considerações finais

Acerca da falta de reconhecimento de si na *tradição fraturada* da Literatura Brasileira<sup>9</sup>, diz a professora Regina Dalcastagnè (2017, p. 235-236, grifo nosso): “A hipótese apresentada aqui é a de que, justamente *a falta de modelos na tradição literária*, os autores têm que lidar com a dissonância causada entre os gêneros e os estilos brancos (porque comumente habitados por personagens brancas) e suas personagens negras. Como alerta o poema de Cidinha da Silva, mencionado anteriormente. Tal incongruência de categorias apontada pela professora nos faz pensar o quão urgente é um trabalho crítico coletivo dedicado a investigar e recriar as ferramentas analíticas (a maioria construída a partir da autoria branca) com as quais se trabalha a autoria negra. Por isso, a importância de adotar a escrevivência enquanto método analítico. Pois parece simplista - para não dizer reducionista demais - colocar toda a diversidade de obras, autores, temas e dicções tão díspares sob o rótulo: literatura negra.

Condizente com a dissonância apontada pela professora Dalcastagnè, Antônio Cândido (2002), em autocrítica à sua longa omissão do debate sobre a questão racial, argumenta que o “nó do problema” estaria “no aspecto ontológico”, e no drama, para o negro, de ter de aceitar uma outra identidade, renegando a sua para ser incorporado ao grupo branco. Alegorizada no romance pela não adequação de Ponciá às mazelas da cidade, no sonho de vestir farda e no sapato apertado que veste Luandi quando decide partir do povoado em que nasceu,

<sup>9</sup> No texto *Panorama da Literatura Afro-brasileira* o poeta e crítico Edmilson de Almeida Pereira diz: “A Literatura Afro-brasileira integra a *tradição fraturada* da Literatura Brasileira. Por isso, ela apresenta um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais) que se encaminha para uma inserção no conjunto da Literatura Brasileira. A língua é fator decisivo para a realização desse percurso. [...] A Literatura Afro-brasileira escrita nesse sistema é simultaneamente Literatura Brasileira que expressa uma visão de mundo específica dos afro-brasileiros” (PEREIRA, 2021).

buscando melhores condições de vida.

Se depender de Conceição Evaristo a lacuna histórica de outras perspectivas - como a falta de representação do exercício da maternidade negra - está com os dias contados. No texto *A literatura negra: uma poética na nossa afro-brasilidade*, ao fazer um percurso entre obras da literatura canônica, Evaristo (2009) destaca que as personagens negras mulheres nunca aparecem como musa, heroína romântica ou mãe. Na contramão dessa tendência, no romance escrito por ela, Ponciá Vicêncio e Maria Vicêncio são germinais no terreno semiárido da literatura neste sentido de modelo afroafetivo.

Pode-se concluir que, ao explorar o silêncio de Ponciá, a narradora acaba por mostrar um histórico silenciamento, expondo a carência de voz e protagonismo negro enquanto tradição. A obra ocupa esse espaço vazio fazendo-nos sentir os efeitos do processo histórico no corpo negro quando nos faz ver o corpo autoausente de Ponciá estendido no chão. Essa é uma marca da escrevivência de Conceição: ser a voz literária da população negra não ouvida. Assim, sua obra adentra o silenciamento da mulher negra para inoperá-lo, para nos fazer ver que é possível ouvir até mesmo um corpo-literário inaudível, dando-lhe espaço, sem espantos ou polêmicas.

## Referências

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado**: Literatura Brasileira Contemporânea. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

ARAÚJO, Rosangela. **A Escrevivência de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio**: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês. 2012. 198 f. Tese. (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

ARRUDA, Aline. Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro. 2007. 106 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BASTIDE, Roger. **A poesia Afro-brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1943.

BORGES, Rosane. Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs). **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina, 2020.

CANDIDO, Antônio. Racismo: crime ontológico [Entrevista]. *Etnos Brasil*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 21-28, mar. 2002.

CARDOSO, Viviane Coelho. A (polêmica) literatura afro-brasileira. **Brasil Escola**, Goi-

ânia [2021]. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/literatura/a-polemica-literatura-afrobrasileira.htm>. Acesso em: 15 mar. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **O pensamento feminista negro**. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUTI. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza, PUC Minas, 2012.

CUTI. O Poeta Cuti responde ao Poeta Ferreira Gullar sobre a inexistência de uma Literatura Negra. **CEERT**, São Paulo, 12 dez. 2011. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/1788/o-poeta-cuti-responde-ao-poeta-ferreira-gullar-sobre-a-inexistencia-de-uma-literatura-negra>. Acesso em: 15 mar. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. Estre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laetícia J. (Orgs.). **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e Violência na literatura afro-brasileira. **Portal Literafro – UFMG**, Belo Horizonte, 4 fev. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/47-constancia-lima-duarte-genero-e-violencia-na-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 24 abr. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laetícia J. (Orgs.). **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

EVARISTO, Conceição. A literatura negra: uma poética na nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Clamar no deserto**: entre o poder falar e poder se fazer ouvir. Conferência no Fazendo o Gênero 12. Publicado pelo canal Fazendo o Gênero 1. UFSC: Florianópolis, 2021. 1 vídeo (1:02:59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WimOFw-5gRU&t=155s>. Acesso em: 26 jul. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. In: ALEXANDRE, Marcos. (Org.). **Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Poesia afro-brasileira: vertentes e feições. **Portal Literafro – UFMG**, Belo Horizonte, 1 jul. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/160-maria-nazareth-soares-fonseca-poesia-afro-brasileira-vertentes-e-feicoes>. Acesso em: 8 ago. 2021.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem política-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia. (Orgs.). **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

GULLAR, Ferreira. Preconceito cultural. **Folha de São Paulo (Ilustrada)**, São Paulo, 3 dez. 2011.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, São Paulo, n° 28, São Paulo, 1988.

MARQUES, Jorge. Histórias que pulsam. Insubmissas lágrimas de mulheres. In: **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 4, n.7, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17415>. Acesso em: 14 maio 2021.

PEREIRA, Edimilson. Panorama da literatura afro-brasileira. **Portal LiterAfro – UFMG**, Belo Horizonte, 2 jul. 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/147-edimilson-de-almeida-pereira-panorama-da-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 22 ago. 2021.

PINTO, Tatiara. **O sono e o sonho na poética de Franco Fortini**. 2019. 219 f. Dissertação. (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

RIBEIRO, Djamilia. **Quem mandou matar Marielle?** Racismo estrutural no Brasil. (Com Djamilia Riebiro e Lília Schwarcz). Publicado pelo canal Brazil LAB at Princeton University. 1 vídeo (1:14:30s). [S. 1.]: Brazil Lab. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LyvSO13\\_fmA&t=1890s](https://www.youtube.com/watch?v=LyvSO13_fmA&t=1890s). Acesso em: 11 mar. 2021.

SILVA, Cidinha da. **Canções de amor e denço**. São Paulo: Me Parió Revolução, 2016.

SISCAR, Marcos. **Poesia e crise**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria. (Orgs.) **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: CEAO; Brasília: Fundação Palmares, 2006.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Almeida, Marcos e André Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.